

Medicação segue 'moda'

FLAVIO ARAUJO

A maioria das clínicas psiquiátricas da cidade varia pouco o tipo de medicamento prescrito de um doente para o outro, apesar das características específicas de cada caso. Esta é uma das conclusões tiradas a partir dos resultados preliminares do censo realizado pela secretaria municipal de Saúde nas 20 clínicas psiquiátricas da cidade conveniadas com o Sistema Único de Saúde (SUS), de outubro a dezembro do ano passado. "Há tendências de usos de determinados medicamentos em cada instituição. Nitidamente há uma *moda* em cada clínica", acusa o médico João Paulo Lyra, coordenador do censo, registrando o fato como um exemplo do desca-so dos médicos com os pacientes.

O levantamento permite dois tipos de caracterização do paciente. Primeiro, o censo apresenta um quadro do atendimento dispensado ao paciente. Há várias informações, como as atividades desenvolvidas nas clínicas, os medicamentos prescritos e o tempo de internação. Além disso, mostra a sua situação pessoal: com quem mora, onde reside, o nível de escolaridade, a renda da família e outros dados.

Polêmica — Iniciado no dia 24 de outubro do ano passado, o censo desde o início causou polêmica. O médico Eduardo Spínola, presidente da seção Rio de Janeiro da Associação Brasileira de Hospitais e dono de várias clínicas no Estado, por exemplo, tentou evitá-lo e depois fazer com que as próprias clínicas fossem responsáveis por ele, conforme denunciou o **JORNAL DO BRASIL** na última quinta-feira.

Entre suas alegações, dizia que a equipe da secretaria poderia levar os internos a sofrer de estresse, enquanto os médicos das clini-

cas, por conhecerem os pacientes, teriam mais facilidade de obter informações e prestá-las de forma confiável. A Secretaria Municipal de Saúde não aceitou as propostas de Spínola.

Foram cadastrados 3.474 pacientes, em clínicas como a Casa de Saúde Humaitá, em Jacarepaguá, da qual Spínola, proprietário da Santa Genoveva, também é dono, e a Clínica das Amendoeiras, outra instituição em Jacarepaguá. Os dados ainda estão sendo computados e serão repetidos alguns testes. A previsão é de que tudo fique pronto em agosto, mas já há resultados preliminares, com amostras de 11 clínicas. Quando o relatório estiver concluído, deverá servir para reavaliar e redefinir maneiras de se estruturar a área de Saúde Mental na cidade.

"Notamos que muitas pessoas já foram internadas várias vezes, em mais de uma clínica. Isso demonstra que não há uma assistência adequada. A única alternativa é se internar", analisa o médico João Paulo Lyra, coordenador do censo. De 1.527 pacientes listados em 11 clínicas psiquiátricas, 1.181 não participam de qualquer atividade de grupo. "Não há uma preocupação com a reintegração social do doente", reclama João.

Uma outra parte do estudo refere-se à vida pessoal dos internos. Por exemplo: a maioria deles é homem. Dos 1.527 pacientes listados até agora, 1.014 são do sexo masculino. Outros dados: do total de pacientes, 1.073 são solteiros; 607, alfabetizados; e 523 têm renda própria. Há uma divisão maior no item visitas. Em primeiro lugar, ficam aqueles que recebem uma visita semanal. São 357 pacientes. Depois aparecem os que recebem uma visita eventual: 266.